

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ará.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varella

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Mauricio Dinepi

Dívida fixa

De volta ao mundo

Poucos dias após as conversações proveitosas mantidas em Washington com o Fundo Monetário Internacional e os credores privados do Brasil, é a vez de o Clube de Paris concordar na renegociação de 4 bilhões e 492 milhões de dólares da dívida de 17 bilhões que o País mantém com os membros desse grupo econômico europeu. Trata-se de um fato importante para o desafogo da situação financeira nacional e mais uma prova inequívoca de que o Brasil reconciliou-se com a comunidade internacional, vale dizer, reingressou novamente no circuito das finanças mundiais, de onde se afastara quando da iniciativa da moratória dos juros da dívida externa.

Os nacionalistas equivocados e os aproveitadores de situações de dificuldades certamente vão-se decepcionar com o acordo acertado com o Clube de Paris. Vagos e obtusos no seu raciocínio ideológico e no seu comportamento político, eles nada mais enxergam do que o progresso brasileiro separado da comunidade internacional. Um Brasil como o coco da Bahia, fechado para o mundo e voltado para o interior de si mesmo, como se isso fosse possível. Mas a grande maioria dos brasileiros, que sabe dar o devido valor tanto à preservação dos legítimos interesses nacionais quanto ao intercâmbio de capitais, bens e serviços com o mundo exterior, sentir-se-á satisfeita de saber que a Nação está novamente de bem com a humanidade.

Seria lamentável se os membros da Assembleia Nacional Constituinte, encarregados agora de dar a versão definitiva da nova Constituição da República, não entendessem a necessidade de abertura ainda maior do Brasil à economia internacionalizada dos dias atuais. A moratória equivocada do ano passado custou ao País um grande peso financeiro, a ausência de novos investimentos estrangeiros e, portanto, o agravamento da inflação e dos problemas sociais. Uma nação como o Brasil, de baixo índice de poupança interna e de incapacidade de consumo, não pode deixar de receber, em número cada vez maior, o aporte de capitais estrangeiros que significam maiores oportunidades de emprego, aumento do Produto Interno Bruto, elevação do nível de vida da população e ingresso e desenvolvimento de novas tecnologias.

A panacéia da moratória já provou ser um remédio ilusório, que apenas atrasa ainda mais o Brasil em relação aos demais países e torna mais agudos os seus problemas internos. Nem o Governo e nem os políticos teriam coragem, daqui por diante, de defender outra moratória. E nem os bancos e investidores estrangeiros acreditam nisso, pois não estariam renegociando a dívida brasileira se desconfiassem das tentações brasileiras de repetir o erro. Os fatos comprovam: fora da internacionalização não há salvação para nenhuma economia nos tempos atuais.